

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 7 de Junho -- 1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

107



sempre

fixe

semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

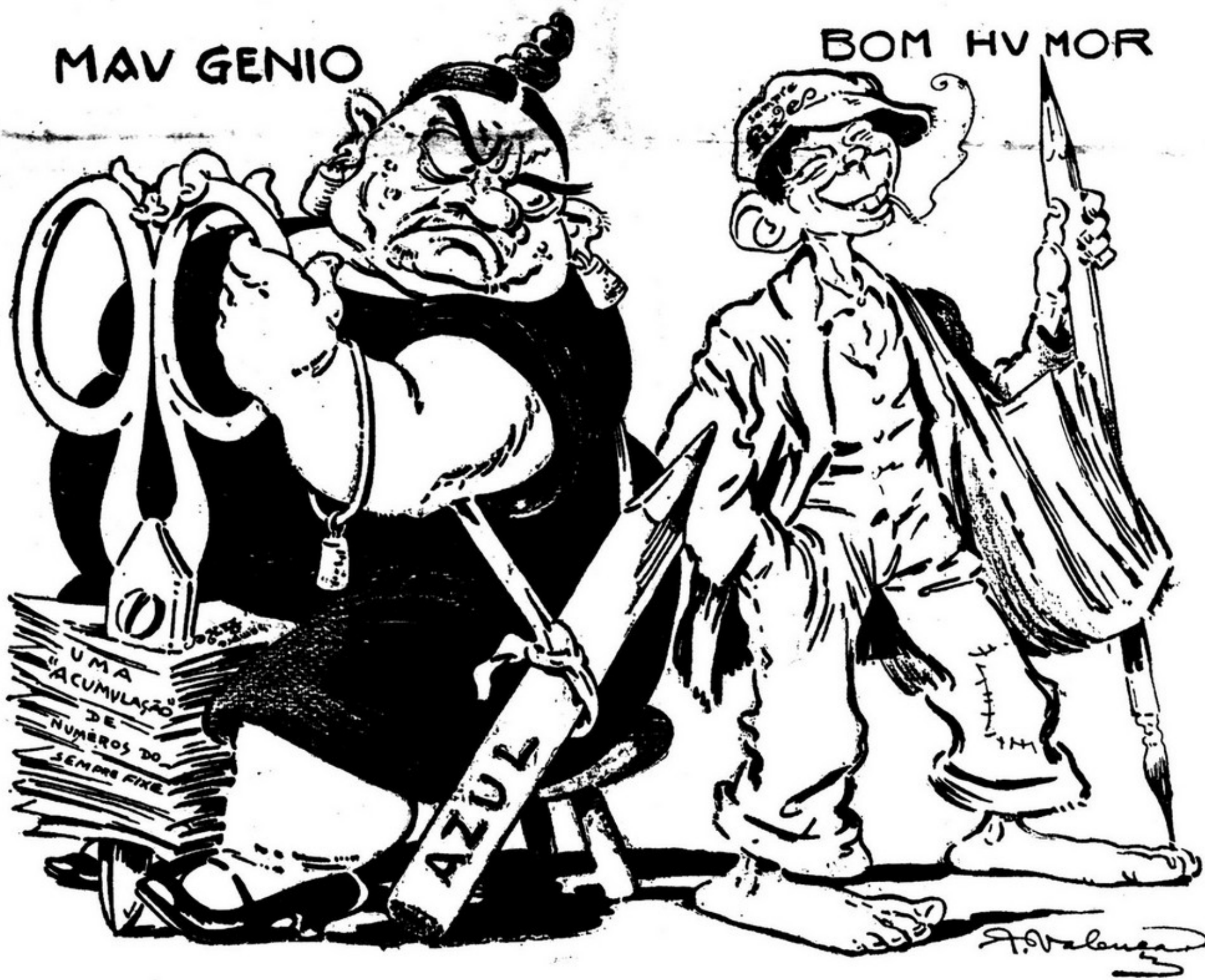
DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

As incompatibilidades

MAV GENIO

BOM HUMOR



Uma incompatibilidade... de genios que a lei não previu



Os ditos da semana



Olimpiadas O *Sempre Fixe*, pelos seus colaboradores artísticos e literários, comenta com o bom humor que lhe é peculiar os jogos portugueses na competição olimpica de Amsterdam.

Não representam as nossas criticas ou comentarios menos apreço pela coragem e pelo esforço glorioso dos jogadores portugueses e seus dirigentes, a quem saudamos com um comovido e vibrante *hurrah!*, ao estilo olimpico.

700 contos de agulhas Mudou-se o sentido do transito e desandou a andar tudo ás avessas: os carros, as carroças, os automoveis, os electricos e os transeuntes. A postura estava bem feita bem montados os serviços e a policia bem industriada, de modo que tudo corre ás mil maravilhas. Não faltou o mais leve detalhe. O novo regulamento estava bem urdido e muito bem cosido com os 700 contos de agulhas da Companhia Carris.

Só causa uma certa estranheza que não sejam necessarios, para tantas agulhas, mais do que as duas duzias de agulheiros que tem a Companhia.

Em todo o caso, temos um pouco a impressão de que as agulhas são d'ouro.

O gaz fosgenio Aquela explosão de gaz que houve ha pouco na Alemanha, poz quasi toda a gente de nariz no ar:

—Hum! Aqui cheira-me a gaz!

E cheirava, mas já se explicou tudo satisfatoriamente. A Alemanha não fabrica presentemente gazes deletorios ou asfixiantes, não havendo

portanto uma infracção ás disposições da Conferencia da Paz. A Alemanha conservava apenas uma certa quantidade de gaz engarrafado para o que desse e viesse, quem sabe até se para figurar no museu da Grande Guerra.

Mas um dia, uma garrata descuidou-se e pff... deixou escapular um fiosinho de gaz, inodoro, pelo visto, porque ninguém deu por ele e começaram a morrer alemãs como se fossem inimigos.

A população começou a andar de mão ao nariz e o resto do mundo poz-se de pé atrás.

Afinal não havia que recelar. As auctoridades ordenaram que os restantes recipientes fossem lançados no fundo do mar, mas, animados dum grande sentimento de humanidade, resolveram escolher um local onde não houvesse peixes.

Até parece que aqueles gazes não tinham sido inventados para maia gente.

Uma lamina O *Sempre Fixe*, uma vez por outra, também gosta de fazer o seu reclame a qualquer casa comercial acreditada, e não leva nada por isso. Cabe hoje a vez á casa *Freire Gravador* da rua do Ouro. Publicamos-lhe o anuncio das laminas de gilete:

O publico requisite por toda a parte a lamina FREIRE-GRAVADOR, francesa, registada, se não quereis ser enganado. A lamina, que serve em todas as maquinas, garante esta casa que faz 20 barbas sem ser afiada, enquanto que outras muito mais caras só lhe fazem 2 barbas, e, mal. Pacote de 10=15\$00. Peçam á cobrança, 158 a 164, Rua do Ouro, Lisboa.

Das excelencias da lamina, fala o anuncio como gente.

20 barbas sem ser afiada! De resto, avaliamos as belas qualidades da lamina pela gramatica do anuncio. Aquilo é que é uma lamina!...

Batalha de flores A Avenida vestiu as suas melhores galas da Semana Santa, fechou as ruas transversais ao transito e abriu os braços aos curiosos e a bolsa aos cobres dos ditos. Aquelas bambinelas roxas estavam a caracter: simbolisavam a alegre tristeza dos tristes foliões que se divertiam.

Quiz-se fazer um segundo carnaval e conseguiu-se. Aquilo não podia ser mais alegre, a começar pela ornamentação em homenagem ao sr. dos Passos da Graça.

Num paiz de tanto sol e de tantas flores, não ha nada mais proprio para engalanar as ruas do que os testões de papel roxo, esterlicados como lombrigas, entre duas varas de pinheiro.

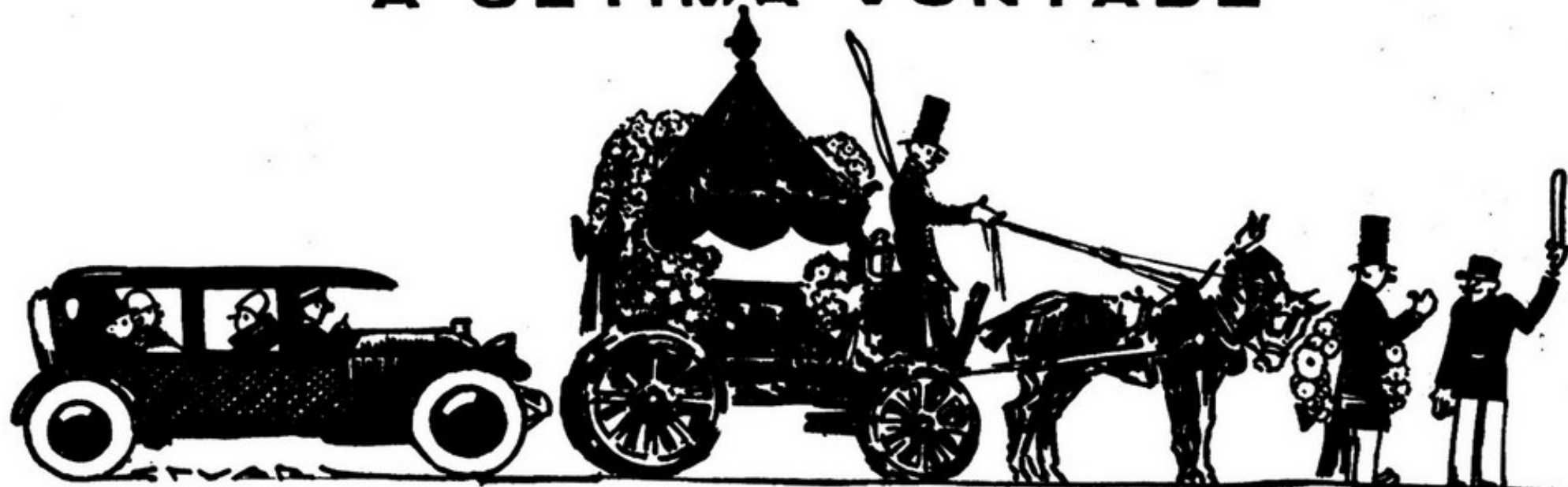
A gente chegava á Avenida e ficava logo deslumbrado deante daquela orgia de cor, pulava-nos o sangue nas veias, estremeciam-nos os nervos como a um toiro deante do capote encarnado. A graça esfusiava. As flores eram aos montes, em *avalanches*. Um diluvio de petalas multicores, ameaçava arrazar tudo. E andou o curso ás voltas, para baixo e para cima, quasi até o anoitecer. Andaram-se centenas de quilometros. E um pobre cavalo lazarento que em tempos fora duma agencia funeraria, e puchava uma carripiana, dizia lá de si para si:

—Para onde diabo irá este enterro, que nunca chega ao cemiterio?!



— E o Cabreira, é um grande matematico em casa tem calculos por todos os lados até nos rins!

A ULTIMA VONTADE



Sr. guarda, o acompanhamento pode ir pela direita, mas o corpo tem de ir pela esquerda, foi esse o seu ultimo pedido como esquerdistas que foi!

O odio de Aniceto Raposo

O sr. Aniceto Raposo odeia, cordalmente, a imprensa, dando-se até, nele, esta particularidade que o torna notável: é que havendo poucas pessoas que defendam, em principio, a censura aos jornais, ele é uma dessas pessoas...

Preguntei-lhe um dia, a origem do seu odio aos periodicos. Resposta pronta e enérgica do Aniceto:

—Os jornais só dizem mentiras.

—Nos artigos de «fundo», talvez...—

aventámos.

—Isso ainda é o menos.

—Nas informações telegraficas do estrangeiro.

—Por aí não vinha mal ao mundo...

—Na descrição pormenorizada dos crimes? Nas reportagens de *sensation*?

—Nunca leio os crimes, nem certas reportagens que são verdadeiros crimes.

—Nas criticas de teatro?

—Isso não tem importancia...

—Então?

—E' nos anuncios que eles mentem descaradamente. Cada anuncio, cada pta.

Como duvidasse que as paginas anunciadoras dos jornais lhe merecessem tão intensa indignação, Aniceto referiu-me o seguinte caso:

—Uma vez fui a casa duma dama que publicára um anuncio nestes termos: «Senhora só, pede emprestimo a cavalheiro respeitavel.»

—E não pedia?

—Pedia, mas o anuncio estava errado. Tinha uma virgula que lhe alterava, profundamente, o sentido. Com a tal virgula de maldição, ficava a gente supondo que se tratava duma senhora sem compromissos, quando, afinal, se tratava duma senhora que só pedia emprestimo—isto é, que não pedia mais nada. Não sei se percebem...

Noutra ocasião, procurei uma senhora, «com alguns meios de fortuna», que desejava consorciar-se.

—E não tinha os tais meios de fortuna?

—Está claro que tinha... a atrevida, a desonesta, a clinica mulher. Calcule que depois de averiguar que eu não tinha de meu um centavo, me disse, em pleno rosto, com inultrapassavel descaramento:

—Evidentemente, que tenho alguns meios de fortuna. E um deles é o de encontrar um parvo que case comigo...

Cristiano Lima.



—Olha lá, se morreres a uma quinta-feira, não te ofendas se eu não for ao enterro, porque o Pepe mata um porco na sexta e eu não posso faltar.



—De modo que, com este especifico, julga o senhor que me desaparecem as rugas da cara?

—Sim, senhor. Exito garantido.

—E se não desaparecerem?

—Nesse caso... uma plaina.

O PALADINO DA AUTO-SUGESTÃO

—Mas como demonio — dizia eu ha dias para o meu amigo Tristão Madeira — mas como demonio consegues tu viver nesse mar de rosas, sempre com essa maravilhosa disposição, aparentando a feliz saude e o farto estomago dum nababo, com o ordenado de 500 escudos por mês? Com franqueza, és para mim um verdadeiro misterio — és a esfinge do deserto posta em pau, amigo Madeira!

—Não comprehendes, hein? — volvi-me Tristão, retorcendo o bigode, e olhando-me de alto, com a natural soberberia dos grandes incompreendidos.

—Nem posso comprehender-te. E's um inigma andante. Eu ganho mais do que tu, e é esta penuria que estás vendo. Vivo tão consumido e tão ralado, que nem o bigode me cresce. Como demonio consegues tu, que ganhas ainda menos do que eu, apresentar esse viço, esse bom-humor, toda essa bem-aventurança que se te reflecte nos bigodes façanhudos?

—Queres, então, a revelação do misterio? Pois aí vai. Escuta e aprende: Vocês, afinal, são uns idiotas.

—O quê? E' porque nós somos idiotas — salvo seja! — que tu vives feliz e corado como um pero?

—Não, homem! Lá vamos. Tu sabes donde vem todo este ar de ventura que te pasma?

—Dos teus quinhentos paus, certamente que não, Madeira!

—Ouve, triste mortal! Este humor, esta abastança, esta alegria de viver — tudo isto é obra de sugestão! Não estejas a arregalar os olhos, que é como te digo! A sugestão é tudo — o resto... quasi nada! Tu não tens ouvido contar casos surpreendentes do formidavel poder da sugestão, como, por exemplo, o daquete condemnado á morte que um medico fez meter em uma tina, de olhos vendados, dando-lhe um pequeno golpe num braço, a fingir que lhe cortava as veias, enquanto de uma torneira começava, lentamente, a correr agua morna, e que, quando a agua o cercava todo, deu a alma ao Criador, supondo-se esvaldo em sangue?

De aqui se prova, que a sugestão é tudo, como já te disse. *Querer*, é positivamente, *poder*. Convencer-se a quem profundamente duma coisa, é possuir, é experimentar essa coisa. E assim, apercebendo-me desta verdade, adotei o sistema, e a sua pratica tem-me dado os admiraveis resultados que tanto admiras.

—Como assim?

—Muito facilmente! Apete-me, por acaso, um bife de cebolada, despertame o apetite um aloirado salmonete na grelha? Pois muito bem. Ponho na imaginação que os mastigo. Suggestiono-me de que os engulo. Convenço-me profundamente de que os como. E a ilusão é completa — tão perfeita que, no fim, palito os dentes e arrote de enfiado, chegando ao resultado verdadeiramente admiravel de os restituir á terra que os criou...

E Tristão Madeira, ante a minha estupefacção, prosseguiu:

—E o sistema aplicado ao capitulo *comer*, applica-se, por igual, a todas as demais necessidades da vida! Chove, por acaso, e impõe-se a conveniencia de regressar de *taxi* a penates. E' simples. Chamo o *chauffeur*, em pensamento, faço de conta que me reclino no assento almofadado, faço de conta que sou levado por oito potentes H. P., e a tal ponto me suggestiono de que assim é, que vou por entre o vendaval como por entre plumas, a epiderme absolutamente insensivel á chuva, sob a suggestão de que me proteje a capota de um *Fiat* — as pernas inteiramente alheias á fadiga, como se me levassem as rodas dum *Chevrolet* ou dum *Citroën*.

Soma e segue, meu velho, e tens achado o X do problema!

E anda meio mundo em luta de morte com o outro meio, os pelintras a falarem em reivindicações sociais, os filosofos a discutirem o segredo da felicidade humana, quando, afinal de contas, tudo se resolve, nesta formula simples: — «Fazer de conta!»

Despedi-me, confuso. O meu amigo Tristão Madeira tinha, positivamente, uma logica de ferro...

Em flagrante contraste com o seu habitual bom-humor, encontrei ontem Tristão Madeira, absorto, tristonho, sucumbido...

—Então que tristeza é essa, Tristão amigo? — inquiri, perplexo.

Tristão fitou-me, teve um suspiro, e confidenciou-me:

—Imagina tu que recebi ha dois dias a comunicação de que um tio meu, tão rico como alarve, que vivia em Trás-os-Montes, acabava de falecer, convidando-me o notario, como parente, para assistir á leitura do testamento.

Parti como um foguete... de lagrimas nos olhos e o coração alanceado... de esperanças.

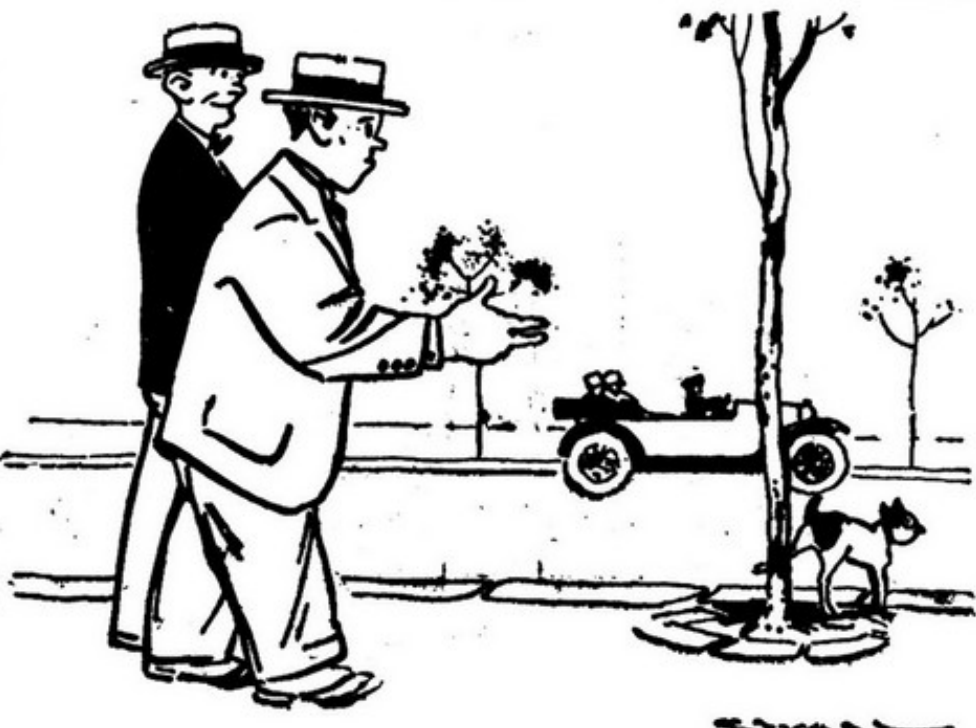
Supõe tu a minha decepção, o meu intraduzivel desespero, ao constatar que o grande alarve não tinha deixado um vintem a este filho da sua irmã!

—Mas, meu amigo! volvi, esse desespero é antural para mim, ou para qualquer outro. Em ti, porém, o paladino da auto-suggestão, é que se não pode comprehender! Então é a formula? E' simples, Tristão Madeira — Faze de conta que herdaste, faze de conta que foste o unico herdeiro de toda a massa do falecido! Faze de conta, Tristão.

Mas Tristão Madeira, soltando pela segunda vez um suspiro capaz de comover o mais alarve e o mais cada-ver dos tios, exclamou:

—Pois sim... Mas has-de concordar que é triste fazer de conta mais uma vez, e agora precisamente que eu contava deixar para sempre de *fazer de conta*...

Lord Nikles.



... Eu tambem uma vez, estava a perder um dinheirão, mas num repente, agarro na bola, e prego com ela no 36, e ganhei...

PÓDE SEGUIR

Electricos que dão que falar

A acção passa-se num electrico fechado; bandeira: Benfica. E como *fica bem* um passeio nestes dias primaveris até fora de portas, um conhecido empresario e revisteiro dos nossos teatros populares, de fisico rotundo, mas de bom fundo, propôs-se ir até ao *Bacalhau* banquetear-se com uma odorifera pratada de coelho á caçadora.

Então o nosso Lino (ah! perdoai-nos Senhor a indiscrição!) tomou o carro, ali pelas alturas do Parque Mayer. Ia radiante, mesmo satisfeito o bom do Ferreira. Espreguiçando-se, os musculos dos braços afiguravam-se-lhe, certamente, mais fortes; o peito distendia-se-lhe numa satisfação, num prazer de respirar; sadio embora, robusto, mais sangue, sangue rico de homem forte, de homem equilibrado, dir-se-ia correr-lhe agora pelo organismo. Estas são as impressões mais que psicologicas do jornalista que teve a *graça* de acompanhar, no 214, chapa 15, o mais engraçado de todos os homens de teatro.

Mas, ~~mas~~ a factos: Quando o carro seguia á Rotunda já as plataformas iam literalmente cheias. Lino contorcia-se com dores nos calos, e, tanto se mexeu, tanto buliu, tanto falou, que chamou a atenção do condutor. Este, para não fugir á regra geral da delicadeza, logo o apostrofou:

—O' cavalheiro, ponha-se a andar que a plataforma está cheia. Aqui já vai um a mais...

Lino, sem se desconcertar, mas aborrecido com o zeloso empregado, visto que não tinha sido o ultimo a entrar, puxa incontinenti do lenço, assôa-se, e responde:

—Não faz mal, senhor. Eu estou constipado!

A gargalhada foi unanime. O condutor perdeu tambem o ar grave de que se tinha revestido e lá deixou ir o simpatico Lino até ao *terminus*.

Todavia, o mais engraçado disto tudo ainda é que o revisteiro, ao fazer *graça* viajou de *graça*, o que causou *graça* entre todos os passageiros que foram testemunhas oculares do facto—embora este não seja o mais notavel da vida de Lino Ferreira.

Ivinho.



—Então? Estás convencido de que o teu discurso produziu sensação?

—Basia-te olhar para mim.

Carta dum assiduo leitor

Sou dos raros que aplaudo o novo regulamento do transito. Franqueza, franquezinha, o caso tem sido discutido segundo as conveniencias politicas de cada um. Como a maioria é republicana, deu-lhe para embirrar com a direita. A minoria aplaudiu, fazendo á contraria um *beau geste* — daqueles de que o nosso Zé-Povinho tirou patente de invenção, em devido tempo registado por Rafael Bordalo, nas paginas do *Zé Maria*. Por mim, tanto se me dá ir pela direita, como pela esquerda. Todos os caminhos vão dar a Roma...

Desde pequeno que ouço isto, e nestes ultimos vinte e sete anos, por mais que lhe façam, a coisa cá vai indo. Acidentes? Houve-os sempre. Metem o carro na *garage*, durante um certo tempo. Desmontam-lhe as peças. Pintam-no de outra cor. Um belo dia, porém, volta o *chauffeur* da provincia. Mete gasolina, compõe o mecanismo enquanto o diabo esfrega os dois olhos, pinta-o á pressa — e sai, com o mesmo garbo e pericia de outr'ora. Ficam todos radiantes. Parece uma *gymkana*.

E' por estas razões que me declaro satisfeito com o novo regulamento do transito.

Sou peão sem filhos. Sinto-me felicissimo por ter todos os meus haveres depositados na caixa forte do penhorista da esquina. Leio os jornais sem o menor estremecimento, quando aludem a desastres, porque nem mesmo tenho dinheiro para vingar, em condições de vir a ser um sinistrado celebre. Se fosse rico — era exactamente o contrario. A esta hora já não saberia se era morto ou vivo. Se vivesse, tinha com certeza mandado reservar um quarto no hospital, feito testamento e despedido de todas as primas a quem dei o primeiro beijo de amor, seguido de saborosas dezenas de chuninhos. O meu automovel, por mais pequeno e reseguo que estivesse, estaria pallido e triste. Premeditava um suicidio, destes inverosímeis suicidios que arrastam meia duzia de galinhas, um galego conduzindo um *ice-berg* de mobiliario e uma montanha de vidro inquebravel.

Imagine, quantas desgraças! Assim, como não sou fatalista, espero socegradamente o dia! Irei, como de costume, ao emprego. Nem mesmo me darei ao incomodo de presenciar os destroços na via publica. Não tenho *Kodak* para os imprevistos — previstos. Na minha estrita qualidade de peão, submetter-me-hei, prudentemente, ao sinaleiro.

— Pela direita!

— Olhe que é mau caminho, sr. guarda. Não vê as desgraças que sucedem?

— São ordens! A' direita, rode!

E lá vou eu. Tenho a certeza que sempre encontrarei uma esquerda por onde me escapulir. O sentido da boa direcção é tudo.



— O medico aconselha-me um clima de altitude e não tenho dinheiro.

— Nem para comprar uma escada?



— Basta-lhe ler a lista. Jantar 10 francos. Vestiario um franco.

— Bem, então traz-me o vestiario.

Os inconvenientes do fim do mundo

Este adiamento do fim do mundo para daqui a quinhentos milhões de anos deixou o meu amigo Sabido inconsolavel.

Ele, que se péla pelos espectaculos de sensação e principalmente quando pode assistir a eles sem gastar vintem, ele, que pára sempre na rua quando ha qualquer conflito ou complicação de transito, que suspira pelas revoluções como por um manjar apetitoso, perante este adiamento ficou passado.

E ficou passado porque não sabe se num futuro tão distante poderá, como desejava, estar presente.

Mas, apesar de ter lido nos jornais esta alteração do programa, ele não desanimou completamente e foi com uma certa esperança que se deitou no dia 28. Disse ao moleque que o serve para o acordar de madrugada e para lhe pôr o despertador para as 4 horas, para não perder pitada do acontecimento.

Mas o moleque, considerando que, se o mundo acabava, já não valia a pena acordar, deliberou desobedecer, conscio de que desta vez, ao menos, não lhe sofreria as consequencias.

Mas o Sabido, que dormira agitado, acordou ás 6, num abraska'ito, olhou para o relógio estremunhado, saltou da cama espavorido e, chegando á janela, perguntou affito ao primeiro ardinha que por acaso passava, arregaçando o *Seculo* e o *Noticias*:

— Então o mundo?

— O Mundo está suspenso.

— Suspenso?! — exclamou o Sabido numa anciedade.

— Sim, já não sai, já acabou.

— Já acabou?! —

— Ha que tempos...

Sabido, fulo, pior que uma groza de baratas, voltou para dentro como qualquer vendaval de trazer por casa, arrependendo-se por não ter acordado a horas, por ter chegado tarde, por ter perdido aquele spectaculo extraordinario, aquele spectaculo unico. E, dirigindo-se ao cubiculo do preto e sacudindo-o numa furia, bradou:

— Vês, animal, já acabou o mundo e tu não me acordaste, grande camelo. Por tua causa, *cheguei tarde*, não vi nada, não assisti a coisa alguma...

O preto, sobressaltado, estremunhado, tremendo como varas verdes, não sabia o que pensar:

— Mas com certeza já acabou, Sió?

E o Sió ainda ficou?! —

— Fiquel, sim, mas tu é que não ficas cá em casa nem mais uma hora, meu tratante...

— O' meu rico patrão, mas si o mundo acabou, p'ra onde é que hei de ir, sió?

— Quero cá saber, vai p'r'o diabo que te carregue.

— Que rémédio, patrão — lamuriou o pobre moleque, soluçando — tambem já não encontro com certeza outro meio de transporte.

A. C.



— Esteja quieta prima, senão eu chego a casa cheirando a tabaco.

QUEM TORTO NASCE

As ultimas profecias chegadas até nós dão graves complicações para o dia 1 de Junho. Sérios conflitos, graves complicações de transito. E' nesse dia que a policia profere o *sic transit* para o transito pela esquerda, que passa a ser todo feito pela direita. Como é sempre difficil mudar habitos inveterados e estamos costumados a vêr correr sempre tudo torto, não podemos rapidamente habituar-nos a vêr andar tudo ás direitas.

D'af os inevitaveis choques, os infalíveis abalroamentos, as terriveis colisões.

Medida acertadissima, sem duvida, mas que vai dar grandes confusões. Tanto mais que, não tendo nunca, qualquer de nós, ligado a minima importancia aos letreiros que nos mandaram seguir só pela esquerda, vai ser muito difficil habituar-se a gente á ideia de que tem de deixar de ligar importancia aos mencionados letreiros para passarmos a não ligar nenhuma aos sucessores que nos mandem seguir pela direita.

Terra de fatalistas, todos entendem que devem seguir apenas o seu destino e nada mais. Ninguém verá, estou certo, os beneficios que desta medida podem advir. Principalmente para aqueles a quem tudo corre torto e que terão assim, ao menos, esta compensação de transitarem só pela direita. Depois, é muito grande a percentagem dos teimosos, dos casmuros e dos que se revoltam sempre contra todas as inovações que os obriguem a abandonar os habitos adquiridos.

Não contando tambem com o grande numero dos que não sabem sequer onde tem a sua mão direita e se verão a cada passo em sérios embarços, em perigosas indecisões no meio da rua.

Mas, pior do que tudo isto, ainda ha o caso daqueles para quem tal medida constitue uma violencia inaceitavel.

Tive ha pouco, perante mim, um exemplo desses, na pessoa dum cidadão que não via ha muito tempo e perante o qual tive a imprudencia de aplaudir esta medida.

— Então, no dia 1, meu caro amigo, vamos finalmente ter tudo direitinho, a seguir pela direita — disse eu, radiante e na melhor das intenções.

— Um disparate! — fez ele, de mau modo.

— Mas como assim? Bem vê que é preciso regular o transito convenientemente e por uma vez.

— Utopias, meu caro senhor. Era bem melhor que se dedicassem a outra coisa. Como querem que tudo ande pela direita e anda tudo cada vez mais torto? Tudo pela direita numa terra onde abundam os alcoolicos, que só andam tortos, em balanços, da esquerda para a direita! Ainda ha pouco, um, bastante grosso, me dizia: «Pela direita, tem graça! Eu posso lá andar direito! Dizem que ficou isso assente, em Genebra, entre os varios países; ora é por causa da genebra, precisamente, que eu ando torto!...

— Pois bem, mas esses estão em maioria.

— Não estão tal. E de resto tambem acho que, além de tudo o mais, é uma violencia sem nome, para mim por exemplo, e para tantos outros, fazerem seguir pela direita.

— Para si? Mas porquê?

— Porque sou canhoto de nascença.



A porca ao filho — Sabes o que vai pendurado naquele pau? Pedacinhos de pessoas da nossa familia.



Apetite...

Um abastado lavrador, fanático amante da arte venatória, convidou o rei D. Carlos para uma grande caçada nas suas propriedades do Ribatejo.

Escusado será dizer que, além do sequito do rei, também foram convidadas as mais altas personalidades da região, entre elas o padre Alvares, cuja fama de bom garfo corria mundo.

A caçada realizou-se com todas as suas interessantes peripecias e, pelas duas horas da tarde, foi servido um lauto almoço em honra do rei, no palácio do lavrador.

O padre Alvares, que tinha sido apontado a D. Carlos como um fenómeno gastronomico, foi colocado de frente de Sua Magestade, para melhor ser observado.

Durante as duas horas que levou a realizar-se o almoço, o nosso padre comeu voraz e assustadoramente, como um abade que era. Acabado o almoço, o rei, ironico, perguntou-lhe:

—O que vai o padre Alvares fazer agora?

Um pouco embuchado, o padre respondeu:

—Saiba V. M. que vou repousar uma pequena meia hora e depois vou ao meu jantarinho...

Portuguez hipico

Recebemos o seguinte anuncio e o seguinte carta:

CONCURSO HIPICO

Os elegantes manequins habillés por Madame Vale são chapeautés por Tátá.

«Ex.^{ma} Sr. Director do Sempre Fixe.—Lisboa.—No momento em que um brasileiro defende, como o dr. Octavio Magambeira defendeu, o uso da lingua portuguesa — os jornais inserem anuncios como aquele que incluo.

O facto não merecia sátira — pedía zargunchada. Mas, na impossibilidade de lhe dar a pena devida, entrego á reconhecida competencia do nosso Sempre Fixe a critica a fazer.

Desculpe V. Ex.^a a impertinencia e creia-me com muito apreço.

João Patriota.

Tatá-se a vêr o esforço de tête que teve de faire o Tátá para produire um annonce avec tanta piade.

SORTES GRANDES
só o PINA se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77



— Tu sabes porque é que o papá racha a lenha com tanta gana? Porque a comprou muito cara.

SCIENCIA POPULAR

O Cavalo

O cavalo, *equus caballus*, é um quadrupede notavelmente mamifero e bastante vertebrado, o que lhe permite mover-se em todos os sentidos com a maior rapidez.

Quanto á aptidão, o cavalo divide-se em dois generos — mansos e bravos. Os mansos são duma inaptidão extraordinaria para qualquer trabalho; passam o dia inteiro a ruminar vinganças e palha e acabam, geralmente, por se tornarem funcionarios publicos, ingressando na Guarda Republicana.

Os bravos são, pelo contrario, activos, ageis, nervosos, mas escocinham muito e tomam o freio nos dentes, sem prévio atestado medico.

Ensina-se o cavalo, mandando-o para a escola, a cargo de conceituados professores de equitação.

O primeiro acto do bicharoco, ao avistar a pista, é pedir desculpa e tentar safar-se. Segura-se, porém, com uma corda fina e começa a lição, pelo ensino da marcha.

Como todos os quadrupedes, o cavalo tem a mania de andar com as quatro patas, mania que se tira, ligando-lhas com cordas grossas e obrigando-o a andar ao som duma valsa vienense.

Depois de saber andar, experimenta-se a coragem do animal, collocando-o primeiramente em frente dum policia sinaleiro. Depois, perante uma senhora com o cabelo cortado á *garçonne* e, finalmente, conduzindo-o a uma sessão ordinaria da Associação dos Cocheiros. Se o cavalo, depois destas três provas, não pestanejar nem der mostras de susto, demonstra ser corajoso e leal.

Os criadores ingleses, usam também a prova do sono, que consiste em collocar o cavalo ao pé dum gramofone ou um gramofone ao pé do cavalo.

Se não adormecer dentro de cinco minutos, é porque resistia a todas as massadas e sensaborias.

O conhecido professor Gagliardi, usa também essa prova, lendo-lhes a minha secção enciclopedica. É raro o cavalo que não resona ao cabo de dois minutos.

Depois destas experiencias, pergunta-se ao animal qual a carreira preferida. Geralmente, nunca repondem, tendo, por isso, o dono de os empregar onde lhe apetece.

Cavalo de tiro ou tracção — O cavalo destinado a este inglório officio, é geralmente triste e mal humorado, rogando pragas e atirando com os aparelhos ao ar, quando sofre de neurastenia. Cura-se esta indisposição, applicando-lhe no lombo fortes sinapismos de chicote, que o deixam manso como um pombo. Os bolchevistas, porém, nem assim se convencem, sendo muitas vezes necessario vendê-los para as fabricas de fumo, onde saem, depois de mortos, transformados em carne de porco.

Cavalo de sela — Para dar boa cavalariá, é preciso que o cavalo tenha bom comportamento moral e civil, devendo o comprador exigir-lhe os documentos, antes de o adquirir. São munidos de três velocidades como os automoveis — passo, trote e galope.

Nada tendo de extraordinario, a arte de montar a cavalo, exige, no entanto, vastos conhecimentos de grego, fisica e filosofia.

O grego, serve para o cavaleiro saber resolver qualquer dificuldade ou embaraço, no manejo dos cavalos que relinham, escoicinham, levantam-se, mas recusam-se, energicamente, a andar para trás ou para a frente.

A fisica, applica-se no calculo das modificações operadas no nosso corpinho em caso de trambulhão.

Assim, o individuo pratico, ao cair dum cavalo, prevê logo o resultado — braço ou perna partida; cabeça rachada; nariz esmorrado; fato feito em postas, etc., etc.

A filosofia, tem a grande vantagem, nos casos acima apontados, e quando o cavaleiro tem de trazer o cavalo ás costas, por motivo de desastre.

No estrangeiro, e principalmente em Inglaterra, existem nas Universidades cursos especiais de cavaleiros, onde os alunos aprendem, além do grego, da fisica e da filosofia, todas as formas de montagem, em pélo, á primitiva, por cima, por baixo, etc. etc.

Para montar as amazonas é necessario alguém que as ajude. São, em geral, os maridos quem as monta.

A mulher do cavalo chama-se egua, é muito parecida com o marido. Os filhos são poldros durante a mocidade, sendo-lhes depois concedido o titulo de cavalo na época em que tomam estado, profissão e morada certa.

Entre os cavalos celebres, citaremos o notavel e distinto cavalo de Calígula, que foi consul de 1.^a classe em New York. O cavalo branco de Napoleão, que era castanho. O cavalo da Praça Nova, que era de bronze. O maestro italiano Leoncavallo, autor de varias operas. O conhecido cavalo de Troia, que era de pau feito, etc., etc.

Niza.



— E este artista também é da vanguarda?
— Não. Este é da rectaguarda.

BOM HUMOR

O *chauffeur*:—Acha que vamos em grande velocidade? Não me disse que queria ir ao hospital de Santa...

O *passageiro*:—Sim, mas não que gostava de terminar no cemitério!

O pianista:

—Veja que coincidência. Nasci no mesmo dia em que Wagner morreu.

—Mais uma vez se prova que uma desgraça nunca vem só.

Na aula:

—Vamos a vêr, pequeno, porque treme a terra?

—Naturalmente por causa do frio que faz...

—Reparaste que o João sai agora todos os dias com a mulher. Já não se divorcia?

—Não; espera ficar viuvo, obrigando-a a atravessar a rua nas horas de maior movimento.

Ela:—Não a incomodo acompanhando-a até á porta de sua casa.

Ela:—Não me incomoda nada. Tenho até prazer...

—E' verdade que vives da tua pena?

—E'. Escrevo cartas a um tio que tem uma herança...

—Peço cinco contos por cada um dos meus quadros.

—E o senhor pinta muitos?

—Vinte e cinco a trinta por ano.

—Então já está rico.

—Não! Até agora ainda não vendi nenhum...

Ela:—Querias que me desses um conselho?

Ela:—Dirás, queridinha!

Ela:—Achas que te peça dois contos ou um conto e quinhentos?...

—Quere uma chavena de chá, tio?

—Não quero chá.

—E café?

—Não quero café.

—E *wisky* com soda?

—Não quero soda...

Na scena sacra

Visto que a moda é hoje pôr-se os santos nos palcos dos teatros de revista, fazendo duma pecadora artista a Virgem cheia dos maior's encantos.

Agora é já vulgar nos quatro cantos vêr num teatro um *habitué* sacrista com um binoc'lo a deitar a vista ás fórmias dos *maillots* e aos seus quebrantos.

Assim o empresario hoje seduz, entre uma scena sacra, a *duo* ou a *sós*, o Zé Povinho que em *massa* traduz...

Por tal ser uma pécha em nada atroz do bom judeu, vai, pois, o *Emaus* pôs a *Aleluta!* a instrumental, no Foz!



—O que sente você?
—Sinto assim uma coisa como um grande peso no estomago.

Um assíduo leitor

Conhecem com certeza. E' aquele sujeito que, a proposito de tudo e por vezes, muito fora de proposito, manda alvites, opiniões, pareceres, com o pedido de publicação «num cantinho do seu mil lido jornal», para todas as redacções.

Pois foi ele, (que passa as noites sempre em casa, a elaborar as suas opiniões e os seus alvites), que no dia 21, depois do jantar, disse inesperadamente á esposa que tinha de sair.

—Sair!! fez ela atônita, perante tão sensacional revelação.

—Vou ler o *Noticias*.

—Outra vez! Não leste de manhã?

—Mas vou ler o da noite.

—???

—Sim, o luminoso.

De facto, o assíduo leitor, para não desmentir a sua tradicional assiduidade que o faz percorrer todas as tardes, todos os «placards», não podia, sem quebra dos seus princípios, deixar de ir ler todas as noites, as noticias fresquinhas, que lhe fornecia o *Diario* das ditas.

Tão fresquinhas, que nesta primavera chuvosa que atravessamos, têm, por vezes, encharcado o assíduo leitor até aos ossos.

Isto não obsta, porém, a que todas as noites ele voltasse para o seu posto. E sentado num dos degraus do pedestal do D. Pedro IV, continua, atentamente, com o seu olhar nervoso a correr atrás das varias palavras, que no telhado fronteiro vão correndo. E as noticias vão passando velozes e ele fica, por vezes, passado de assombro, perante os casos de sensação:

—Um violento incendio destruiu 3 quarteirões de casas em Nova York. 17 mortes, 250 feridos. A Pasta Couraçada é a melhor para os dentes. Faleceu na China o general sudista Chui-Fun-Chan. As pilulas Pink são ainda e sempre as melhores, para as pessoas falidas. Faleceu o Tchá da Persia ás 5 e 45 da madrugada. O mais perfumado é o Chá Horniman's. Partiram hoje no «Sud» os nossos delegados á Sociedade das Nações. Portugalise os seus pés...

E o assíduo leitor, deliciado, saciando completamente a sua incomensuravel curiosidade, não perde uma virgula, não perde mesmo um daqueles tracinhos que vão a correr velozes, atrás de cada uma destas noticias sensacionais.

Pode lá perder-se uma cotsa destas. E, principalmente, de borla.

—Ele anda mesmo a pensar já, que decerto outros jornais colocarão, também, dentro em pouco, aos quatro cantos da praça, os seus luminosos «placards». E já pensou em levar então toda a familia, cujos membros virados para as varias direcções, vão colhendo as diversas noticias publicadas.

Depois, em casa, trocadas todas em meudos, fica a familia completamente esclarecida acerca de tudo que lhe interessa e poupa de manhã os varios cobres dos periodicos.

Ele levou mesmo já os seus planos ao ponto de prevêr a hipotese de a familia, em qualquer das noites, o não poder acompanhar.

Nesse caso levará uma cadeira giratoria, que colocará na placa central junto do monumento.

E assim, á medida que as noticias forem correndo nos varios telhas luminosos, ele irá também fazer-to girar o seu «fauteuil», pelo menos enquanto o não fizerem girar dali para fora.

Os artistas do silencio



—Do Silencio? Pois, meu filho, este retrato fala.

O regulamento redentor

ou

Sulcidio invulgar

Aristides Badana queria á viva força suicidar-se...

Não sei se sabem a dificuldade que existe para uma pessoa aborrecida com a porca da vida dar cabo do canastro.

E' pior que arranjar lugar num electrico para o Conde de Redondo, ás seis horas da tarde, ou saber quem são as figuras dos painéis de S. Vicente...

E para vocês melhor acreditarem, trago-lhes o exemplo do nosso Aristides:

Aristides Badana, funcionario publico, pai de catorze filhos, marido de uma fera e martir duma sogra, como os seus seiscentos escudos lhe não chegassem para viver — resolveu dar cabo da existencia.

Depois de pasmar maduramente que genero de morte escolher, optou matar-se com um tiro.

Foi á Feira da Ladra, comprou a um cigano um ferrugento revolver de carregar pela bôca, limpou-o com lixa de esmeril, lubrificou-o com brilhantina; mas, no comovente e preciso momento em que, com o frio cano da arma encostado ao craneo, se encomendava a Deus, apareceu-lhe a sogra a pedir cento e cinquenta escudos para comprar uns sapatos! Desolado, deitou para o caixote do lixo o revolver e resolveu enforcar-se. Não daria alarme e, quando a familia des-se por falta dele, já estaria no Paraíso, gosando as delicias do reino dos ceus...

Com uma paz de espirito notavel, fez o laço, atou a corda ao candieiro de suspensão e, quando esperneava furiosamente, já nas vascas da agonia (que horror!) apareceram os catorze filhos pela porta de trás, a bater as palmas e a gritar:

—Mamã!... mamã!... vôvô!... Olhem que bem que o papá dança o *charleston*! Venham vêr!...

A mamã veio vêr e a sogra, que lhe cheirou a malandrice, foi á cozinha buscar o pau da vassoura e pregou uma formidavel sova no pobre Aristides, acusando-o de pai desnaturado, que se queria matar só para não sustentar a familia!...

Mas Badana, que não desistia do seu intento, mal se apanhou bom e

são — cada vez mais enfastiado com a vida — subiu ao ultimo andar do predio onde morava e despenhou-se cá para baixo, vindo cair em cima de uma respeitavel matrona que passava nessa ocasião — que foi como se caísse num colchão de penas ou de lã! — O resultado foi passar quinze dias na cadeia, a dormir num colchão de paul...

Depois destes lamentaveis acontecimentos, Aristides andou um tempo apreensivo. Via claramente que a morte não queria nada com ele e precisava absolutamente de morrer...

Até que um dia encontrei-o, triste e abatido, e perguntei-lhe:

—Então Aristides? Onde vais?...

—Morrer! — respondeu-me com um sorriso, como se fosse a um cinema ou a qualquer divertimento. Não estranhei aquele sorriso, nem aquele modo alegre e divertido de dizer — «morrer». A morte para Aristides era a paz, descanso e o sossego, ao passo que a vida era a fome, a arrelia e, de vez em quando, os enxovalhos e sovas da terrifica sogra!

Dias depois, li com espanto, num jornal, que Badana tinha sido milagrosamente salvo de morrer afogado!

Decididamente — pensei eu — a morte não quer nada com o Aristides. Mas ele é que não andava nada satisfeito: tinha sido levado para casa encharcado, com uma formidavel constipação, e apanhara segunda sova da sogra — mas desta vez com uma tranca de ferro!!

E Aristides, na cama, moído de pancada, constipado, carregado de gripe, implorava a Deus:

—Meu Deus! Mandal-me a morte... Oh! a morte... a felicidade!

Mas, nesta altura, deu uma palmas na testa, sentando-se bruscamente na cama.

Uma ideia, certamente luminosa, tinha-lhe atravessado o cerebro: Era o dia 1 de Junho.

Levantou-se, vestiu-se á pressa e desatou a correr para o meio da rua. Daí a meia hora, Aristides Badana tinha sido atropelado na contradação do regulamento do transito, e a sogra tivera a mesma sorte quando ia vê-lo á morgue.

Melhoramentos citadines

Ha muito tempo que o nosso amigo Banana se tinha ausentado de Lisboa. Arranjou o seu pé de meia e foi para uma aldeia da Galiza, ha uns bons vinte anos. Deixou na capital os seus legitimos representantes: alguns dos pedagogos que têm superintendido em assuntos de instrução... Saudoso da sua terra, o nosso Banana resolveu fazer-lhe uma visita. Chegou ha dois dias e admirou logo, ao pôr pé em terra, a disciplina com que os sinaleiros *batulavam* o transito. Banana comentou logo: De futuro, em Lisboa, a morte debaixo dum automovel passa a ser mais rapida. O *chauffeur* não tem que errar, já sabe que quando um sinaleiro lhe indica o caminho, a melhor maneira de caminhar livremente é passar por cima dos transeuntes! Banana viu bem. Depois desta surpresa tão agradável, foi matar saudades, dando um passeio pela cidade. Já não viu o empedrado do Rossio. Devia ter sido para pagar a dívida do governo. Teve o cuidado de olhar a Avenida, que se estendia deante dos olhos. Ficou admirado, porque não ha meio de afastar a Avenida da Liberdade, da Penitenciaria. Voltou para traz e ao chegar ao Palácio dos Condes de Almada, reparou numa especie de cripta que fica ao lado esquerdo. Disse para consigo: «Já não era sem tempo. Deve ser o jazigo dos Avranchess». «Não tardar, continuou, que no Bêco do Forno, se erga o monumento á padeira de Aljubarrota. Nada mais a proposito. Que visão a das nossas vereações!» Preparava-se para seguir pela Rua de Santo Antão, mas viu no letreiro *Eugenio dos Santos*. «Deve ser mais adiante», pensou. Andou, andou... e á entrada da antiga Rua de S. José, leu: *Rua Alves Correia*. «Mau», disse com os seus botões. Achou melhor tomar um *taxi*, que, para voltar áquele mesmo sitio, teve de descer a Rua dos Correios, atravessar a Rua Augusta, subir a do Ouro, o Rossio, Restauradores, atravessar a Avenida, cortar pela Rua dos Condes, entrar de novo na Rua Eugenio dos Santos e parar, finalmente, no Largo de S. Domingos, onde se apeou...

Seguiu a pé pela Rua da Palma, viu muitos electricos com a taboleta Alto de S. João. *Lagarto, Lagarto, Lagarto!* Bem bastaria quando tivesse que ir para lá contra-vontade! Como era economico o nosso Banana e era já noite, foi dormir a uma hospedaria do Arco do Marquês de Alegrete, para se levantar de manhã cedo e percorrer a cidade de polo a polo, em automovel. O carro corria e os letreiros das ruas passavam-lhe pela vista incompreensíveis. Leu todos os nomes possiveis e imaginaveis. Mas dos antigos, nem um! Era o João Antonio, o Pedro Fadista, o Luis Marreco, o Alfredo Gingão, um nunca acabar! Banana ia desmaiando. Não descansou enquanto não tomou um vapor para Cacilhas. Chegou lá e viu os classicos burros que pareciam dizer-lhe: «Só nós somos fieis á tradição».

Banana, que sempre foi filosofo, raciocinou: «Ao menos estes, por ora, não têm ruas com os seus nomes!»

E concluiu, para não ser injusto: Ou eu endoideci, ou Lisboa mudou-se e em seu lugar está outra terra, berço de grandes homens...

«Mas quem era aquele Pedro Fadista, o Luis Marreco e o Alfredo Gingão?» Se os burros tivessem fala talvez lhe soubessem responder!

Napier.



O medico: — Não gosto da sua lingua.

O paciente: — E se gostasse era a mesmo.

Modelo de casas tipo «Diogenes» muito praticas e recomendadas sobretudo para paizes vinícolas...



As grandes reportagens magras dum jornalista gordo, em Amsterdam

O *Diário de Notícias* enviou a Amsterdam, para a reportagem do campeonato olimpico de *foot-ball*, o jornalista Antonio Ferro.

E o espectáculo empolgante dumas Olimpíadas modernas tem servido a Antonio Ferro — até hoje considerado como jornalista *d'avant garde* — para realizar as crónicas mais humorísticas que é possível conceber-se.

Nenhum colaborador do *Sempre Fize* seria capaz de atingir na sua mais bem trabalhada prosa — superiores efeitos de patriotismo ridículo.

Vamos reproduzir alguns trechos da reportagem do Portugal-Chile, da autoria do apreciado escritor e dramaturgo. Não ficam deslocados nestas colunas, esses lugares selectos...

«O Estadio de Amsterdam, durante os Jogos Olímpicos, é um mapa animado e vivo que se comunica á epiderme.»

Teremos pois, no regresso, um Antonio Ferro-camaleão

«Não sou um tecnico, não sou um crítico de «foot-ball». Mas sinto-me feliz com a minha ignorância.»

E nós também — pelo que isso nos diverte...

«Seguir um desafio de «foot-ball» com a catalogação de todas as penalidades, com a sciencia de todas as passagens, é o mesmo que ouvir Wagner ou Beethoven diante duma partitura.»

Não! Seguir um desafio de *foot-ball* com a catalogação de todas as penalidades é apenas: — o que fazem os *reporters* manhosos cujas cabeças espremidas só dão *corners*.

«O primeiro pontapé que me acerta no coração é o dos chilenos.»

Foi talvez um pouco fóra do seu lugar, esse pontapé no coração...

«O nosso campo, onde os jogadores portugueses não se rendem, é Verdun martirizada...»

«Sofro, sofro intensamente...»

«O coração agita-se dentro do meu peito como uma bola. A pista é uma roleta diabólica, exasperante.»

«É então que se dá o milagre, o milagre eterno da nossa raça, o milagre de Aljubarrota, o milagre da «ilustre Casa de Ramires»...»

«Fomos sempre assim grandes e pequenos pela mesma razão...»

«Temperamento arriscado, perigoso. Aljubarrota, sim! E Alcacer, Kibir!»

Porque não? E a revolução de 5 de Outubro? Talvez! E a descoberta do caminho marítimo para a Índia? Pois sim...!

«Tal como Portugal nas suas horas grandes! Tudo nas mãos e tudo no chão!»



Esta victoria do Egipto resultou bastante esphingica

Tal e qual! O chão nas mãos—e as mãos no chão!

E sabem V. Ex.^{as} como foram marcados os dois goals do empate do primeiro tempo?

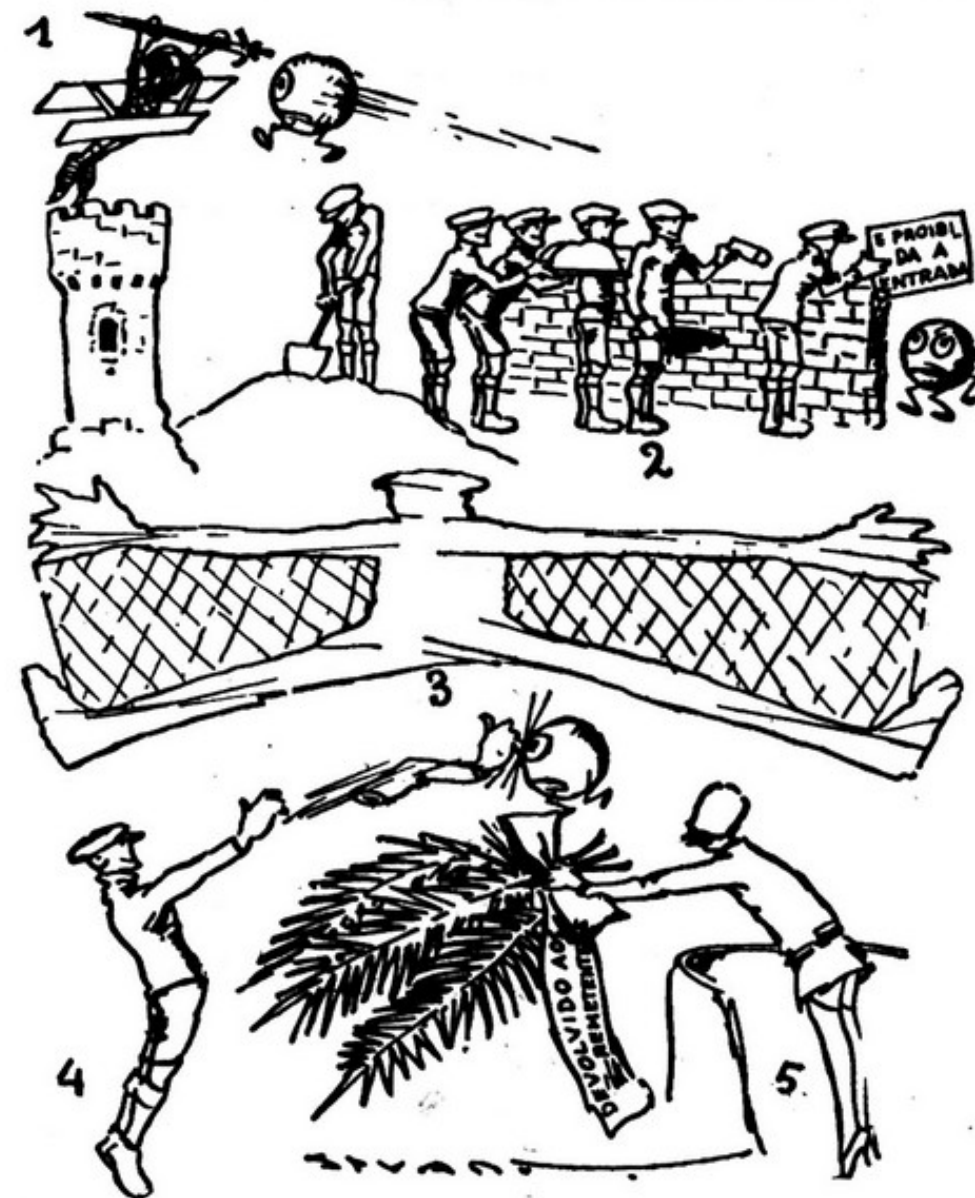
«...Em três minutos, sem esforço, com a ligeireza dum pensamento claro, com a despreocupa-

ção dos rapazes que perseguem no campo as borboletas...»

«...E o meu coração no meu peito é uma bola de borracha, ligeira, cheia de cores alegres, a bola do meu fúho...»

Eis o que pode chamar-se: — uma crónica borboleteante e familiar.

STUART ILUSTRA A CRONICA DE ANTONIO FERRO



1) Roquete, na defesa, empolgante! É um guerreiro medieval, com a alma de um avião, defendendo a porta do seu castelo. — 2) Um Roquete? Não! Trez, quatro, cinco, seis Roquetes, os suficientes para levantarem um muro defronte da rede, um muro invencível onde a bola não entra... — 3) Roquete é um jogador elastico. É sempre da altura da bola. Quando a não alcança, atira um braço ao ar. — 4) O seu braço em liberdade é o guarda-rede que se desloca e regressa imediatamente ao corpo do jogador. — 5) Laura Costa, numa tribuna, freneticamente, devolve aos jogadores todas as palmas que, com certeza, eles lhe tem dado,

ANTONIO FERRO.

«toquete é um jogador elastico. É sempre da altura da bola. Quando a não alcança atira um braço ao ar. O seu braço em liberdade é o guarda-rede que se desloca e regressa imediatamente ao corpo do jogador.»

Para isto, só ha uma exclamação muito portuguesa — mas que a decencia reprova.

«toquete é um guerreiro medieval com a alma dum avião...»

E o Ferro é um jornalista de 1820, com a alma dum balão de Santo Antonio... de Santo Antonio Ferro de Engomar.

A gente do desporto leu esta crónica do Portugal-Chile e riu perdidamente.

Nós, que conhecemos e apreciamos Antonio Ferro — ficámos espantados. E até nos custa a crêr...

Abandonando o tom faceto, ousaremos fazer-lhe duas observações.

Antonio Ferro engana-se ao supôr que o jornalismo da especialidade é a catalogação de todas as penalidades e a enumeração de todas as passagens. E se pretender avaliar da diferença entre os *reporters* manhosos e quasi analfabetos que assim trabalham — e os jornalistas especializados — leia, por exemplo, as notaveis crónicas de Amsterdam realizadas por Candido de Oliveira.

E se quizer saber como o desporto pode servir como assunto de extrema beleza literaria a um escritor leigo — compre, por exemplo, *Le Paradis à l'ombre des épées*, de Henry de Montherland, premiado pelo Comité Literario das Olimpíadas de 1924.

Porque, doutro modo, as crónicas literario-desportivas não passam de: — reportagens magras dum jornalista gordo...

E' com a alma alanceada, e os olhos rasos de lagrimas, que abordamos este tristissimo assunto do «Portugal-Egipto».

Não ha comentarios alegres, positivos.

Por esse Portugal desportivo fóra, fez-se um silencio, como á beira dum leito de agonia. E o publico passa pelos «placards» do Rocio que anunciam a rejeição do protesto — com um ar de fingido desentendimento que até corta o coração...

Ninguém, em Portugal, fuma esta semana, cigarrilhas egipcias.

E' triste, realmente, ter-se perdido com um «team» de mumias.

E o facto de Tut-Ank-Amon ter jogado a «center-half», é uma consolacão mínima. O nosso protesto contra a inclusão de faraós averiguadamente profissionais antiquissimos não foi injustamente aceite.

Roquete, o «Alma de Avião», fez o que pode...

Mas os egipcios eram uns «Almas do Diabo»...

Rebola-A-Bola.

ECOS DA SEMANA



ALMOÇO

A FRAGATEIRA DO AFONSO LOPES VIEIRA NA OCIDENTAL PRAIA LISITANA

A BARCA ANTES DO ALMOÇO

DEPOIS DO ALMOÇO

ALGUNS POR FALTA DE ESPAÇO FORAM OBRIGADOS A COMER FORA DA BARCA. O MAESTRO LACERDA, POR UMA QUESTÃO DE SEMELHANÇA COM A BATUTA AGARROU SE AO MASTRO A COMER PATO COM ARROZ

ESTA PRANCHA FOI TAMBEM UM BELO GASTRONOMETRO



DANTES ERAM VÔOS A "LEO TARDO" SEM REDE



AGORA NEM COM RÉDE DE BORRACHA



EM LUGAR DE SEREM OS BOCHES QUE APRECIAM AS NOSSAS COISAS, SÔMOS NÓS QUE APRECIAMOS AS COISAS AOS BOCHES (SALVO SEJA)

AFINAL A OLIMPIADA É ENTRE O SECULO E O NOTÍCIAS



QUAL FICARA "KNOUK-OUT"?



AH! TCHÉCO SE VENS CÁ PARAR ABAIXO AINDA TCHÉGO POR CIMA



À PROCURA DAS FLORES NA BATALHA DAS MESMAS

BOTELHO